

Discurso Proferido Durante o Jantar Oferecido ao Príncipe dos Poetas Cearenses Pela Passagem do Seu 70º Aniversário

Maurício Benevides

Os aniversários são o aluguel que pagamos pela vida. As etapas cíclicas de 12 meses fogem rápidas, e, um após outra, algo é-nos subtraído todos os dias. A gradação da idade, porém, emoldura virtudes, armazena conquistas, empilha reminiscências venturosas ao lado das provações e expõe aos elogio o perfil augusto dos operários que legaram à sociedade artes dignas de imitação.

Prezadíssimo Arthur

Em nome da família BENEVIDES, que tanto o estima, tenho a honra de saudá-lo, nesta noite ornada de contentamento.

Identificados com o alvo da homenagem muitos dos seus confrades da Academia Cearense de Letras encontram-se aqui, no sentido de partilharem conosco este momento de efusão.

Destarte, num clima de entusiasmo franco abriram-se os seios afetuosos dos seus vínculos genéticos e acadêmicos, deixando sair altissonante o cântico fervoroso dos júbilos, pela sua chegada aos 70 anos de existência.

Junte aos presentes, no silêncio interior da malha sentimental, outros participantes ceifados pelo falecimento, que desceram das paragens celestes até este espaço, renovando-lhe o larguíssimo preito de admiração.

Assentadas na bacia do tempo, sete décadas quantificam a progressão cronológica de uma inteligência volvida para agenciar

idéias superiores e desprender conhecimentos laminados nos fornos siderúrgicos da mente. Sempre dos primores estilísticos do “Habitante da Tarde” disseminaram-se exemplos incitativos de reações civilizadoras, proclamadas em linguagem ardente e consagrante, ensejando-lhe o alcance de invejáveis lauréis e a unção prestigiosa da imortalidade.

Arauto dos mistérios e dos segredos, nunca se viu perdido, recorrendo à “Viola de Andarilho”, para entoar canções de partida e regresso, na viagem sensível em que persegue esperanças ocultas no ventre do tempo, e prolonga nas auroras o aroma eterno dos roseirais poéticos, fazendo ora revoltos, ora serenos os corações absorvidos no aprendizado de velhas e novas melodias refertas de espiritualidade.

À maneira de esgrimista destro, faz das suas obras armamentário de prosperidade, arsenal exuberante de mensagens, ferindo as gerações com ensinamentos facundos, a serviço da cultura, da educação, da poesia - lira predileta do seu destino -, da prosa e da oratória. Em qualquer desses campos, invariavelmente, ressaem duradouros o gosto pelas coisas intelectuais, o engenho vivido, o rico vocabulário, o fraseado harmônico, o aticismo vernáculo, os recursos de compor e o saber humanístico, cinzelando as faces do artista opulento nos expedientes escritos e orais.

Somente um nobre da instrução consegue embeber de peregrina majestade os seus trabalhos, ante os quais a crítica, os eruditos, e os leitores, em geral, inclinam as frentes num gesto de acolhimento e reverência.

Essas glórias exaltadas não suscitam dúvidas. São incontestes. Belas e prodigiosas, enternecem as almas contemporâneas. Transmitem para o Estado e o País os liames de alternativas construtoras, capazes de enriquecer a história e despertar a contemplação dos pósteros.

Nenhuma fase de esterilidade ou período literário de empobrecimento, desde o Grupo Clã até a Presidência da Acade-

mia, arrefeceu sua luminosa caminhada, sempre firme e indomável, contra as leis hipotrofiantes de um mundo opressor e difícil, tornando-a, por isso mesmo, incomparavelmente rara.

Caríssimo Arthur,

Aplaudo suas vitórias porque a soberania do respeitoso amor aos deveres da vocação submeteu inúmeros obstáculos, habilitando-o a ingressar na galeria dos triunfantes e a envolver-nos de orgulho com a limpidez irradiadora do seu poder criativo.

Se “a fala é o espelho do princípio vital”, segundo Plutarco, continue ouvindo e vendo a calorosa prova de adesão, carimbada com o selo real da sinceridade.

Este jantar oportuniza inscrever extenso e profundo reconhecimento às aptidões demonstradas, pois nada igual se encomenda e nem se articula com os ingredientes da cortesia gratuita. Traduz a inspiração gregária de pessoas irmanadas no mesmo propósito, otimizando o manifesto inescandível do apreço a quem verdadeiramente serve aos ideais eleitos.

Nesta hora de felicitações, parentes, amigos e companheiros falam-lhe nos semblantes, brilho inconfundível, nascido das órbitas visuais dirigindo a você.

À guisa de brinde à sua privilegiada imagética, permita-me oferecer-lhe, entre as galas desta festa, um poema inédito, de minha autoria, cujo título espelha toda a grandeza do seu intelecto perceptivo:

Senso Guarnecido

Avistei a beleza lavrada
Suavemente pelos artistas
A estética do mundo cinzelada
Fulgurante no absoluto filosófico
Acima dos corações marcados
Por lívidas cicatrizes

Residindo sobre a verdade
Disposta na perícia dos acabamentos
Entre lábios seivosos
Docemente esculturais
Simetricamente calmos

Dancei em bailes famosos
Com as alegações espirituais
Damas sublimes
 e minentes
 a natureza
À procura dos segredos
Devassei a força do belo
Elástica nas proporções
Regularmente sonora
Olhei faminto de penetração
A intimidade das formosuras
As gloriosas épocas das criaturas
O sentido matemático das beldades
Nas fórmulas ornamentadas

Encontrei a exação da lindeza
Dentro do retiro sábio
No clima impassível dos montes
A perfeição contemplando a felicidade
No silêncio da graça
A boniteza refletindo encantos
Gerados pela excelência da ordem

Conheço agora a harmonia material
Das disposições atrativas
A idéia no curso sensorial
Transportando primorosas matrizes
Tentarei combinar valores da vida plena
Nos desejos guarnecidos pelos sonhos ajaezados.

Considero que as minhas palavras de saudante despossem a força necessária para produzir o eco da sua emoção. Contudo, busquei impregná-las com o zelo votivo das congratulações, com a flama realçante que diviso na amplitude desta audiência solidária, para imprimir ao ágape a imponência correspondente às simpatias e ao seu elevado merecimento. A mão cheia da Providência bem poderia, no instante propicio desta aclamação, cenarizar os fastos maravilhosos de um cavaleiro das letras, em apoteótico desfile perante tantos olhares.

Bom seria despontassem materializados no recinto todos os esforços empreendedores, testemunhas idôneas da fertilidade laborativa, descrevendo o circulo inteiro das realizações, onde o “Príncipe dos Poetas”, qual um astro polar cintilando venceu gigantescos prélios.

Senhoras e Senhores,

“O segredo para ser enfadonho é contar tudo”, disse Voltaire. Assim, pareceu-me mais útil enaltecer, em linhas gerais, a produção oriunda de ARTHUR EDUARDO BENEVIDES, evitando dissecar os gêneros perlustrados, num discurso integral, todavia exaustivo. Por outro passo, figurou-se-me despiciendo examinar manifestações já apreciadas e distinguidas pelos presentes, nos domínios da poesia, do conto, da literatura infantil, do ensaio e da antologia.

Conhecendo de perto as raízes dos sonhos peregrinos, julgo que a celebrada carreira do meu tio, rematados 49 anos de literatura, aparentemente chega ao zênite. Para muitos, impossível parece a quem subiu tanto, poder se elevar ainda mais. Da minha parte, arreceio-me de fixar o ponto culminante da sua extraordinária ascensão, refletida mercê de aplicações temporais sublimes. Apenas Deus o sabe.

Tenho para comigo que as doações do “caçador das cousas longamente procuradas” continuarão a se espargir, cada vez mais, com a madureza temperada pela experiência haurida, repartindo

no universo desenvolvido a seiva nutriente de uma copiosa refulgência intelectual.

Assistido por imensas razões, cabe-me unir os votos de todos na oferenda dos cumprimentos, e suplicar ao Onipotente a permanência entre nós, deste verdadeiro espírito de luz, conservando-lhe a saúde inalterada, a robustez imaginativa e as faculdades comunicadoras de um literato predestinado ao sucesso ininterrupto.

Parabéns, pois, por todos e por mim.